

MAR...marés e marinheiros...

A folga do impulso...

Do meu primeiro sonho de Piloto Aviador Militar à carreira de Oficial da Marinha Mercante, apenas distou o não categórico da minha Mãe, que não permitiu que o meu Pai e Bom amigo assinasse o termo de responsabilidade, então exigido, por ser menor.

Ao argumento de que "*lá em cima não havia árvores nem galhos para nos agarrarmos*", temente a Deus que sou, lá me conformei, com a frustrada vocação para voar.

Mas, o "*bichinho*" não parava de me atormentar. Todas as noites, durante a reza do terço, as contas do rosário da minha falecida avó Clementina, em vez de contar ave-marias, acumulava milhas náuticas por navegar...

Estava no "*descaminho*" da virtude.

De uma vocação sacerdotal - por alguns dada como certa - a tender para mares já dantes navegados, dos quais apenas conhecia, os limites da abóbada celeste e o plano do horizonte, visto da praia da Torreira, nada mais restava se não ir navegar.

Mas o que é certo, é que, já lá vão 30 anos e ainda hoje estou por saber, se tinha ou não, natas aptidões para voar.

Mas quem diria, que tão nobres e sublimes anseios náuticos, não iriam constituir um corolário de arrependimentos, por vezes transformados em pequenas e irritadiças "*maldições*" passageiras, a bordo do meu primeiro navio AMÉLIA DE MELLO.

AMÉLIA DE MELLO, outrora ZION, irmão do ISRAEL e do JERUSALÉM, e ainda de outros que já não me lembro, eram ao todo 5 navios, parecidos, mas não iguais ao ANGRA DO HEROÍSMO, da antiga Companhia Insulana de Navegação.

Assim se chamava o navio "Almirante" da S.G, que foi Escola, que formou alguns e antecipou a reforma de outros; para já não falar naqueles que, ali viram o fim da suas carreiras profissionais...

Quem torto nasce, tarde ou nunca...

Claro que o AMÉLIA era um navio velho, mas antes de tudo era mais um navio da frota mercante portuguesa, feito em tempo "*recorde*", constituindo uma dívida de guerra dos Alemães, para com o povo de ISRAEL.

Contaram-me que foi assim.

Não tardaram as patéticas cenas da minha inadaptação ao meio local - navio - onde veria perdida a minha "*virgindade marítima*", pela primeira passagem pelo Equador.

Navegando mar dentro, cem vezes comi, cem vezes vomitei...

Com balanço. Sem balanço. Com estabilizadores. Sem estabilizadores, nada se aguentava no meu estômago.

Como iria resistir a tal tortura? Que carreira futura a minha? E as fardas que tinha comprado, que tantos sacrifícios aos meus Pais tinham custado? Para que serviriam?

É aqui que o filho da Laura Tarrinca vai passar os preciosos anos da sua vida?

Não! Não foi nada disto que me tinham dito que viria encontrar.

Enganaram-me.

Esta não era a carreira de Oficial da Marinha Mercante que me haviam falado.

Estaria na Marinha Mercante errada? Mas havia outra Marinha Mercante? Marinha Grande teria alguma ligação Mar?

Estou à popa. A borda falsa treme. O cachão do hélice "*embrulha a água azul*" do mar e faz espuma .

Cada vez que perscruto o horizonte, a mesma sensação da largada de Lisboa, pela 1.a vez.

Confundido e perdido naquele novo ambiente "*hostil*", sufocado pelo calor e pela incapacidade de absorver e entender, as leituras de tantos instrumentos do painel de manobras, sentia que a todo o momento, o fim estaria perto...

Pensei que este primeiro dia seria o último, da brilhante carreira agora iniciada e tão inesperadamente rejeitada. Tinha que *fugir* já, antes que fosse tarde.

Mas o dia mal havia começado para mim, pelo que a procissão ainda nem no adro ia.

A casa das caldeiras metia medo. Só mais tarde viria a compreender onde o produtor de "RAMBO", se havia inspirado para criar a imagem do artista, com a fita na cabeça.

Ali, à minha frente, junto ao painel das manobras, o gorducho ADÃO, de rosto salpicado por gotículas de suor, e de cuja testa esse mesmo suor drenava pela dita fita, impulsionado pela corrente de ar menos quente, proveniente do "coqueiro" (ventilador) onde se colocara a refrescar.

Os manómetros oscilam.

ADÃO apercebe-se que algo não está bem!

Olha para mim!? Eu olho para ele.

Como o meu olhar não o tranquiliza, dirige-se para o 2. Oficial e aponta-lhe o manómetro, cujo ponteiro oscilou.

O 2º foi ver.

Não ligou patavina e deu meia volta...

O meu coração reduziu a batida. Safa. Procurei um "coqueiro" vago e disse para mim. Desta estou safo...

O tempo custa a passar.

O movimento das pessoas na casa da máquina é impressionante.

São operários da Lisnave Rocha, que ao apertar os últimos parafusos, deixam perceber que o navio está de saída.

Nisto um vozeirão soa como um trovão na casa da máquina.

É o TEODORO, encarregado da Lisnave, é especialista em Turbinas, cuja voz inconfundível não deixa margem para dúvidas a ninguém.

Jorge, então operário chefe, introduz o canivete de folgas entre o batente de impulso e as almofadas, do veio da turbina de ré.

TEODORO observa, e diz com a sua voz característica:

- Fecha Pá. Fecha. Isso está bom.

O comparador relógio, momento antes havia sido retirado dali.

O JORGE ainda tentou articular uma palavra, e já, novamente a voz de trovão dizia. Fecha.

Se o "Mestre" diz que estava bom, era porque está mesmo bom.

Eu até tinha topado, que o Superintendente Chefe já havia dito o mesmo ao Eng.º DOURADO da Lisnave.

Claro, eu ouvi qualquer coisa a esse respeito, mas não percebi bem para "*botar*" palavra.

Ao pé deles, dos Chefes, claro, um grandalhão de capacete branco, fato de macaco imaculadamente limpo - que eu não conhecia - aliás, não conhecia quase ninguém, perguntava ao Superintendente Eng.^o ALBERTO COSTA, como é que este determinara a *folga do impulso*.

A explicação foi tão rápida, que apenas vi a cabeça do Superintendente a mexer, e fiquei sem perceber nada daquilo.

A conversa ficou por ali; mas cá para com os meus botões, aquela questão da folga ficou a martelar na minha cabeça. Mas qual seria a *folga*? Tinha que saber.

Atrás da turbo-geradora nr.1, O Engenheiro Chefe REGINALDO LUZ, ouvia atenta e pacientemente, o "Engenheiro Feteira", numa explanação mímica, altamente complicada, que por certo ultrapassava de longe a complicada tecnologia construtiva dos *fluxómetros das casas de banho*.

Nisto, senti uma mão no meu ombro esquerdo. Era o 2^o VELOSO, a reclamar o meu auxílio.

Da sua mão para a minha, transita uma peça toda torcida em varão de aço, a que chamavam *chave de válvulas*. Sim. Fiquei a saber o que era pelo peso, e pela temperatura que a mesma tinha.

Comunicar Caldeiras. Diz o 2^o VELOSO.

Comunicar o quê? Senhor 2^o!

Comunicar Caldeiras seu TRANCA.!

Seu TRANCA? (*)
O que é isto de TRANCA?

Ele disse para eu ir, e eu fui...

E lá fomos.

Lembro-me então, vagamente, de o professor da Cadeira de Geradores de Vapor, ter falado em comunicar Caldeiras; mas não me recordava de ele ter dito que a temperatura, ali era próxima dos 65 graus centígrados.

Nesta altura tive dificuldade em saber se o trabalho que estávamos a realizar era simples rotina, ou já seria o primeiro castigo dos DEUSES.

Naqueles infundáveis momentos de manobra, lembrei-me de tudo. Mas aquela da *folga da chumaceira de impulso* continuava a atormentar o meu espírito.

Como é que o Superintendente tinha esclarecido tão rapidamente o seu interlocutor - o do capacete branco - *se apenas tinha oscilado duas vezes a cabeça?*

Sim, porque pela expressão do rosto do outro, este ficou logo a saber o valor da folga; até porque, desapareceu logo dali para junto do impulso. De certeza que a *folga* estava correcta.

() – Tranca, nome pelo qual eram designados a bordo os Oficiais recentemente formados; cujo estatuto, era abaixo de cão... assim diziam os mais velhos...*

Almocei de frente aos comandos. Muitos instrumentos no painel de manobra da máquina principal.

Era giro. Já começava a ficar com algum fascínio por tudo aquilo.

Estaria no caminho da conversão? Não. Aquilo não era o que esperava. Tinha que reagir.

De repente, BUUMMM...

Meu DEUS. Que grande "explosão".

À minha volta uma correria desenfreada de figuras humanas, em direcção do piso superior.

Fico estático!

Vou morrer. *Penso eu.* Não vejo nada.

No meu cérebro, um lampejo activo, puramente instintivo de protecção natural da vida, impele-me no mesmo sentido, das figuras que tinha visto em movimento.

Hesito. Um passo em frente. Um passo atrás. *Decido-me por um passo em frente e dos grandes...*

Desato numa correria infernal, pensando apenas em "*safar*" a minha pele.

Quando pensava estar a salvo, ao colocar o pé no primeiro degrau, da escada de acesso a "LIBERDADE", senti-me bruscamente puxado para trás, pelo braço.

Julguei que o meu braço estava a ser arrancado, tal não era a força com que havia sido puxado.

A voz do 2º VELOSO, não se tardou a ouvir:

- Seu TRANCA DO CARRAÇAS; o seu lugar é aqui...

Agora é que começa a sua actuação.

O meu cativo tinha começado. Eu não queria acreditar no que estava a acontecer. *Alias, eu não sabia o que estava a acontecer, ou por outra, eu tinha medo do que ainda estaria para acontecer.*

Queria fugir para lugar seguro, pois o meu instinto me dizia que todo aquele barulho e vapor à mistura, não eram coisa normal.

Uma tampa do colector principal de vapor, havia rebentado e quase em simultâneo, as válvulas de segurança da caldeira tinham disparado.

Sim, 46 Kg/cm² dava para fazer muito barulho e muita fumaça branca.

Muita coisa acontecera em tão curto espaço de tempo...Para o meu primeiro dia, era muita coisa.

Correrias loucas. Chega o Engenheiro Chefe, o 1.os, 2.os , 3.os e todos os TRANCAS que por lá estavam.

Fecha aqui. Eu corro para lá. Abre ali. Agora acolá. Uma volta. Não duas voltas. Chega.

Éh...pá! Dá aqui uma mão. Não sei para que lado me hei-de virar...

Mais tarde veio a tranquilidade. Vamos ter um pouco de descanso enquanto isto arrefece.

O 2º Eng.º Veloso está pensativo.

Este "Turbineiro" oriundo da Companhia Colonial é "porreiro".

Calmo, zeloso, previdente. Bom Homem, sempre pronto a ajudar.

Mal sabia eu as partidas que ele me havia de reservar num futuro não muito longínquo.

Almoçamos na casa da máquina, 24 horas de serviço sem ir a cama, não estava mal para começo. *Até estava a ser tudo muito fácil!*

O maior susto já havia passado...

Passei pela casa da máquina, casa das caldeiras e das frigoríficas. Turbinas, bombas, mais bombas. Vapor, termómetros, manómetros e sobretudo calor e mais calor.

Procuro um "*coqueiro*". Aquele onde normalmente o ADÃO, costumava poisar, e lanço ferro... (poisar).

De novo uma azáfama igual ao período da manhã.

Na oficina ao lado do quadro de manobra, a Engenharia reunia.

O Superintendente Eng.º ALBERTO COSTA e o Eng.º DOURADO conversavam e com eles estava o tal do capacete branco.

O da folga.

Já quase me havia esquecido da *folga*, mas agora que vi o outro, e que já sabia como ela era determinada, a minha curiosidade e inveja redobrou.

O Superintendente estava ali.

Só era preciso ganhar coragem e chegar ao pé dele.

Mas como chegar ao pé dele? Ele nem sabia tão pouco da minha existência.

É melhor nem me aproximar. Pode vir a dar bronca.

Desisti. Pelo menos por agora.

O 2º VELOSO tomava notas dos trabalhos realizados. Aproximei-me.

Nas suas notas estava a escrever sobre a turbina de ré, e da inspecção que a mesma tinha sido alvo pelo Loyd's.

Escreveu, escreveu, e finalmente deixou por preencher a *folga da chumaceira do impulso* da turbina de ré.

Lá estava outra vez a folga!...

Ganhei coragem e falei-lhe das minhas preocupações e de toda a problemática que envolvia o segredo da folga. E contei-lhe tudo. Ele riu.

Se eu soubesse que se ia rir, tinha ficado calado.

Mas ainda bem que contei.

Ele saiu de ao pé de mim e foi falar com o Superintendente, Eng.º ALBERTO COSTA.

Agora é que a bronca está armada.

O Superintendente encaminha-se para o local onde eu me encontrava, e diz:

- Então SEU JOVEM é você que quer saber como eu determinei a folga do impulso?

Se quiser fazer o favor, eu agradeço.

Pois então é assim:

Levantou a cabeça, duas vezes seguidas, inspirou ar pelas narinas, enquanto levava o dedo indicador, à ponta do seu nariz.

E é tudo SEU JOVEM. Percebeu?

Nem tive tempo de dizer que não tinha percebido. Deu meia volta e regressou ao local de onde tinha vindo.

O 2º VELOSO sorriu, pois sabia de antemão que eu nada havia percebido.

Também o do capacete branco não tinha percebido. Pensei.

Para acabar o meu desespero, o 2º disse:

- Seu TRANCA, eu vou explicar:

1ª inspiração pelas narinas, hum, 0,1 mm.(milímetro).

2ª inspiração pelas narinas,humm,0.1 mm.

Folga total do impulso, 0,2 mm, **pelo cheiro**. É claro.

Agora sim. Percebi.

O do capacete branco não percebeu. Disso estou certo.

Isto é um conto. Ou seja, é uma narração, tudo verdade, sem invenção.